



Actas do 7.º Encontro Nacional / 5.º Internacional de
Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração
Braga: Universidade do Minho, Outubro 2008

Poster

O Cuquedo? E quem é o Cuquedo? – Perguntou o Cuquedo.

Ana Maria Pereira

Filomena Prada

Agrupamento Vertical de Escolas de Macedo de Cavaleiros

Cristina Coelho

Elza Mesquita

Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação

Agrupamento Vertical de Escolas de Valongo

Resumo

Neste artigo atrevemo-nos a descrever como aconteceu a exploração da história “O *cuquedo*”. A história de Clara Cunha e Paulo Galindro foi transformada em códigos cinéticos. Arriscámos transformá-la num jogo com a intencionalidade de ser contada às crianças através de uma linguagem codificada por imagens, pois acreditamos que estas proporcionam um acesso ao conhecimento icónico-textual através de uma construção em cores, formas, sensações e percepções. O conto foi trabalhado através da apresentação de um cartaz em que a mensagem era lida através de códigos e de espaços em branco. Pudemos perceber que ao trabalharmos esta história com crianças de diferentes faixas etárias, o reconto oral através da simbologia dos códigos cinéticos se tornou profícuo. As crianças são, então, receptoras e criadoras de mensagens visuais, podendo ser capazes de tecer interpretações espontâneas à medida que as informações adquiridas sobre a história surgiam. É impossível negar o regozijo com que sentimos o entusiasmo das crianças a “devorarem” e a “absorverem” os códigos, a expressarem-se oralmente... a escreverem sobre o observado e o vivido, a inventarem histórias com coerência e sentido e a mobilizarem saberes de uma forma integrada.

Abstract

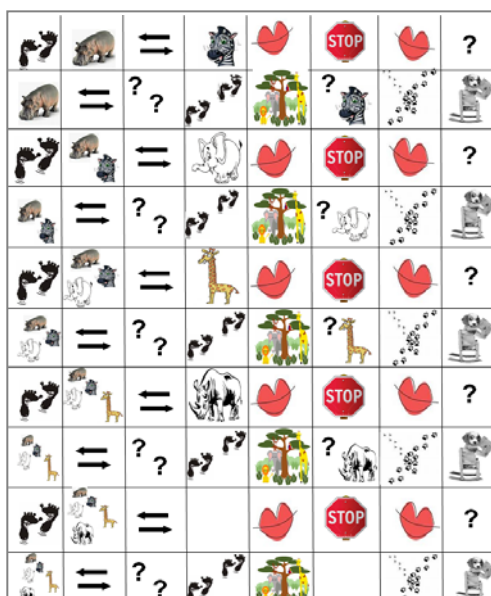
In this article we dare to describe how the exploration of the story “O *Cuquedo*” took place. The story from Clara Cunha and Paulo Galindro was transformed into kinetic codes. We risked to transform it into a game with the intention of being told to children through a language codified in images because we believe that these provide an access to an iconic-literal knowledge with the use of colours, shapes, sensations and perceptions. The story was presented with a poster on which the message was read through codes and blank spaces. When working this story with children of different ages we could perceive that telling stories through kinetic codes has become fruitful. Children are, thus, receivers and producers of visual messages, being able to interpret spontaneously, as the information on the story comes up. It is impossible to deny the rejoicing we felt with the enthusiasm of the children “devouring” and “absorbing” the codes, expressing themselves verbally... writing about what they have seen and lived, making up coherent and meaningful stories and mobilising knowledge in an integrated form.

Introdução

Com frequência aparecem hoje livros de literatura para a infância que, pela sua variedade temática, gráfica e escrita, nos poderão servir para o desenvolvimento de actividades didáctico-pedagógicas diversas. Contudo, e tendo em conta esta multiplicidade de opções, devemos pensar no livro enquanto conteúdo explorável, para que não se anule a parcela educativa que se pretende ver desenvolvida no conjunto das tarefas propostas pelo adulto à criança. Foi num longo processo de selecção que encontrámos a história “O Cuquedo”. Entre histórias de gatos, fadas, monstros, crocodilos, outros animais e seres estranhos, encontrámos um ser estranho que era “muito assustador” e que pregava “sustos a quem estivesse parado no mesmo lugar”. Assumiu assim a história o interesse da transformação do vulgar animal num outro ser que a criança criou e recriou mentalmente à medida que a história foi sendo contada. Essa transformação fez-se tanto nas dimensões do suposto animal assustador, como no seu aspecto gráfico.



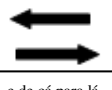





Desenvolvimento


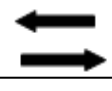
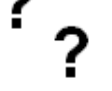





Existem palavras que, ao não subsistirem enquanto vocábulos da nossa língua materna, se constituem em verdadeiras motivações. Acontece com a palavra “cuquedo” que, ao ser uma palavra inventada, tem um efeito mágico nas crianças, permanecendo, ao longo de toda a história “O Cuquedo”, uma ligação afectiva intrínseca, sendo que a figura do ser estranho é revelada apenas no seu final. “O Cuquedo” assenta num jogo que representa uma acção entre as imagens e as palavras, e havendo repetição de vocábulos e sons acrescenta-se o limite do prazer da audição. Este prazer pode ser ampliado se pensarmos em formas alternativas de contar histórias. Uma dessas formas resultou na transformação da história “O Cuquedo” num cartaz com códigos cinéticos, que se apresenta:



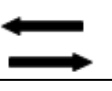







A visualização do cartaz, à partida, causa estranheza, assim como a palavra “cuquedo”, que terá de ser explorada *a priori* numa tentativa de se perceber os significados dados pela criança, quer em termos de palavras que lhe estão associadas, quer em termos icónico-gráficos. Percebe-se o jogo de imagens pela repetição e pela sequencialização dada, o que a transforma numa estrutura formal. Ao ser lida a palavra, a sonorização que se cria permite à criança perceber o texto, uma vez que se desenvolve por associação. Sendo que a lógica linguística da criança não é causal mas sim associativa, o que permite apelar à memória da criança, o reconto da história faz-se, em qualquer idade, de forma lúdica, predominando a assertividade das palavras que utiliza e, sobretudo, porque interpreta o que lê. Isto porque a criança valoriza o aspecto formal e sonoro da estrutura de um conto. Neste sentido, concordamos com Manila (2007) quando refere que *“ensinar um aluno a expressar-se oralmente, a dominar o timbre, a altura e a intensidade da voz é também convidá-lo a tomar consciência do seu corpo, a compreender os mecanismos fisiológicos sem os quais a transformação do ar em som – e, além disso, em som significativo – é impossível”* (p.11).

Lendo a história facilmente se percebe que há todo um percurso interior repetitivo o que permite o desenvolvimento do raciocínio associativo. Porém, essa repetição é quebrada pela existência de espaços em branco que, ao representarem o espaço que deveria ser preenchido pela figura estranha, espicaçam mais a curiosidade da criança para o seu conhecimento. Mas como se lê esta história?

Andava uma manada	de hipopótamos	de lá para cá e de cá para lá	quando apareceu uma zebra	que disse:	ALTO LÁ!	Podem dizer-me...	o que andam vocês...
							

hipopótamos a fazer	de lá para cá e de cá para lá?	Ai! Tu não sabes?	Chegou...	à selva o Cuquedo!	O Cuquedo! E quem é o Cuquedo - perguntou a Zebra.	O Cuquedo é muito assustador...	Prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar.
							

Andava uma manada	de hipopótamos e zebras	de lá para cá e de cá para lá	quando apareceu um elefante	que disse:	ALTO LÁ!	Podem dizer-me...	o que andam vocês...
							

hipopótamos e zebras a fazer	de lá para cá	Ai! Tu não sabes?	Chegou...	à selva o Cuquedo!	O Cuquedo! E quem é o Cuquedo - perguntou o elefante.	O Cuquedo é muito assustador...	Prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar.
	e de cá para lá?						

Andava uma manada	de hipopótamos, zebras e elefantes	de lá para cá	quando apareceu uma girafa	que disse:	ALTO LÁ!	Podem dizer-me...	o que andam vocês...
		e de cá para lá					

Hipopótamos, zebras e elefantes a fazer	de lá para cá	Ai! Tu não sabes?	Chegou...	à selva o Cuquedo!	O Cuquedo! E quem é o Cuquedo - perguntou a girafa.	O Cuquedo é muito assustador...	Prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar.
	e de cá para lá?						

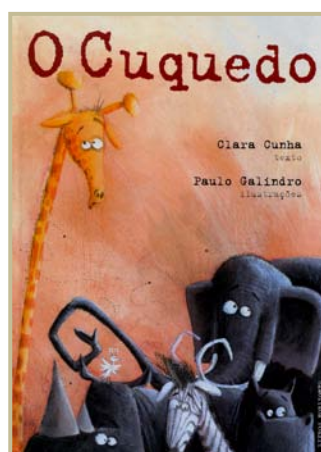
Andava uma manada	de hipopótamos, zebras, elefantes e girafas	de lá para cá	quando apareceu um rinoceronte	que disse:	ALTO LÁ!	Podem dizer-me...	o que andam vocês...
		e de cá para lá					

Hipopótamos, zebras, elefantes e girafas a fazer	de lá para cá	Ai! Tu não sabes?	Chegou...	à selva o Cuquedo!	O Cuquedo! E quem é o Cuquedo - perguntou o rinoceronte.	O Cuquedo é muito assustador...	Prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar.
	e de cá para lá?						

Andava uma manada	de hipopótamos, zebras, elefantes, girafas e rinocerontes	de lá para cá	quando apareceu o Cuquedo	que disse:	ALTO LÁ!	Podem dizer-me...	o que andam vocês...
		e de cá para lá					

Animais da selva a fazer	de lá para cá	Ai! Tu não sabes?	Chegou...	à selva o Cuquedo!	O Cuquedo! E quem é o Cuquedo - perguntou ao Cuquedo.	O Cuquedo é muito assustador...	Prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar.
	e de cá para lá?						

Capa do livro “O Cuquedo”



No final de terem feito o reconto da história, a figura do “cuquedo” é apresentada objectivamente pelo preenchimento dos espaços em branco e confronta-se com os diferentes registos icónico-gráficos que as crianças construíram.



Na exploração que fizemos, com crianças de diferentes faixas etárias, fomos percebendo, nesta etapa, que o jogo das palavras e dos sons associados aos códigos cinéticos lhes permitiu às crianças mais pequenas, pelo simples facto de estarem em contacto com texto desprovido de sentido um despertar do significante que apela ao imaginário, enquanto que as crianças mais velhas introduziam outros grafismos mais elaborados, completamente enviesados por estereótipos. Apresentamos alguns exemplos icónico-gráficos para contextualizar:



Raquel (4 anos)



João (10 anos)



Inês (16 anos)

Sabe-se que o simples facto de narrar permite a interacção social e que *“as histórias que contamos não são exclusivamente produtos da linguagem, admiráveis pelo que geram: a sua capacidade de produzir múltiplas versões de uma mesma situação”* (Bruner, citado por Manila, 2007, p.5). Neste sentido, o facto de termos proporcionado às crianças recontarem através de códigos, por um lado permitiu-lhes fazer um jogo de leitura de formas com um determinado significado e, por outro, possibilitou-lhes a apreensão do confronto entre a palavra escrita e o respectivo código cinético que lhe estava associado. Não foi nossa pretensão separar a oralidade da escrita, pois acreditamos que são duas realidades que se inter-relacionam e não se excluem. Contudo, o saber contar histórias é algo que devemos valorizar e desenvolver nas crianças em termos de competência, *“uma vez que a literatura que chega até nós mediante uma voz – ou através daquele mundo de vozes que ressoa na nossa imaginação cada vez que nos aproximamos de um livro e começamos a sua leitura –, é uma voz que, na sua qualidade de emanção do corpo que representa, se transforma em motor essencial das energias subjacentes da colectividade”* (Manila, 2007, p. 9).

Referências Bibliográficas

- BUORO, A. B. (2002). *Olhos que pintam. A leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/ Fapesp/ Cortez Editora.
- CUNHA, C. & GALINDRO, P. (2008). *O Cuquedo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- DEWEY, J. (2002). *A escola e a sociedade e a criança e o currículo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- HERNÁNDEZ, F. (1998). *Transgressão e mudança na educação. Os projectos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.
- HERNÁNDEZ, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projecto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- MANILA, G. (2007). *Literatura oral e ecologia do imaginário*. Lisboa: Apenas.
- MUNARI, B. (2007). *Fantasia*. Lisboa: Edições 70.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2007). Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma praxis de participação. In J. Oliveira-Formosinho, T. Kishimoto & M. Pinazza (Orgs.), *Pedagogia(s) da Infância. Dialogando com o passado, construindo o futuro* (pp. 13-36). Porto Alegre: Artmed.